

SOUSA, Mário. *Os encontros de Jesus no Evangelho de São João*. 3ª ed. Prior Velho (Port.): Paulinas, 2014. 93 p. 20,5cmx17cm. ISBN 978-989-673-219-6.

Diante do pouco conhecimento, no Brasil, da produção teológica e teológico-bíblica em Portugal e nas outras regiões lusófonas, merece apresentação e recomendação o singelo, mas prático e profundo livro de Mário Sousa, professor de Novo Testamento no Instituto Teológico de Évora e diretor do Centro de Estudos e Formação de Leigos do Algarve, publicado primeiramente em 2012 e agora em terceira edição.

O livro se apresenta como leitura espiritual, *lectio divina* (individual ou comunitária), mas se insere perfeitamente nas novas abordagens bíblicas, especialmente, a teologia narrativa e a pragmática do texto. E por isso mesmo é boa leitura espiritual, não água-com-açúcar. Cada capítulo percorre sete momentos: Preparação do ambiente, Invocação do Espírito, Leitura, Meditação, Iluminação, Oração e partilha, Contemplação e compromisso.

As pessoas são Nicodemos, a samaritana, o funcionário real, o paraplético da piscina, o cego de nascença, Maria Madalena e Tomé. A algumas personagens são dedicados diversos encontros. Acompanhando os momentos marcantes dessas personagens, sem imaginações fantasiosas, mas em fidelidade ao texto, o leitor-contemplador revive o processo da personagem *encontrada por Cristo!* Pois Ele é quem vem ao nosso encontro, assim como, n'Ele, Deus amou primeiro.

Johan Konings, SJ

NUNES, José Afonso Moura et alii. *O melhor de nós*. Belo Horizonte: Asa de Papel, 2015. 430 p. 21x 14,8 cm. ISBN: 978-85-64158-90-0

“Quem se aproxima das narrações da ressurreição com a ideia de saber o que é a ressurreição dos mortos não pode deixar de interpretar de modo errado tais narrações, acabando depois por pô-las de parte como coisa insensata”. Esta frase do teólogo Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI) na contracapa do livro sugere a necessidade de estudar as raízes de nossa fé com abertura de espírito e não com “cabeça feita”.

Saudamos, portanto, o livro em pauta por ser o fruto do trabalho assíduo de um grupo de leigos e leigas mineiros, não especialistas em Teologia, mas sim, estudiosos de formação acadêmica diversificada e de espírito aberto e crítico (José Afonso Moura Nunes, Wanda Mary Rohlf's Nunes, João Carlos Dias, Rosinha Borges Dias, Eliana Lourenço de Lima Reis, Teófilo Guilherme Reis). Encararam a larga gama de publicações recentes sobre a vida e ação de Jesus e o tempo da comunidade cristã primitiva acessíveis em língua portuguesa. Já pela vasta lista bibliográfica valeria ter o livro.

Apresentado pelo professor e psicólogo Edênio Vale, o livro contém três partes: 1) Jesus de Nazaré; 2) a ressurreição (tratando também do túmulo vazio, as aparições, a ressurreição); 3) a comunidade cristã primitiva (com o trabalho de reinterpretação que ela realizou). Os participantes estudaram os textos bíblicos com a ajuda dos reconhecidos estudiosos do Jesus Histórico e do Cristo da Fé, entre os quais, Paul Meier, Gerd Theissen, José Pagola, Leonardo Boff, J. Dominic Crossan, sem esquecer Joseph Ratzinger. Aparecem também os autores ligados aos grupos de estudo bíblico entre nós, como Carlos Mesters, Sandro Galazzi, Ildo Bohn-Gass e tantos outros.

Mesmo quem já conhece as principais obras mencionadas na bibliografia lerá com fruto este livro, porque mostra o *feedback* – ou, como se diz, a “recepção” – dos recentes estudos sobre Jesus e sua comunidade no ambiente de cristãos conscientes que depois do Concílio Vaticano II surgiu em nosso país e necessita ser continuado no momento de esvaziamento cultural que estamos vivendo.

*Johan Konings, SJ*

GIRAUDO, Cesare. *Confessar os pecados e confessar o Senhor*. Tradução Silva Debetto. São Paulo: Loyola, 2015. 59 pp. ISBN 978-85-15-04291-3

Eis um grande pequeno livro! Sua edição italiana já foi apresentada ao leitor numa recensão de Moésio Pereira de Souza (cf. *PerspTeol* v. 47, nº 132, p. 294-296, Mai./Ago. 2015). No entanto, não será inútil apresentá-lo novamente para comunicar sua publicação no Brasil.

Em suas poucas páginas, Cesare Giraudo debruça-se sobre o sacramento da reconciliação. CG já é bem conhecido entre nós por três obras sobre a eucaristia: uma de vulgarização (*Redescobrimo a eucaristia*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2006), outra bem ampla e aprofundada (*“Num só corpo”*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003) e outra de tamanho intermédio, por ocasião do ano da eucaristia (*Admiração eucarística: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2008). No cerne do presente opúsculo sobre o quarto sacramento, constituído pelo capítulo 4 (p. 25-43), o A. usa o método que consagrou com sua obra *Num só corpo*: caminhar da *lex orandi* à *lex credendi*, seguindo o exemplo dos Santos Padres em suas catequeses mistagógicas, mas transpondo essa metodologia para o âmbito acadêmico hodierno. Na obra que estamos apresentando CG recorre em especial à *lex orandi* das Igrejas do Oriente (copta, siríaca, bizantina), mas também à tradição latina mais antiga (Pontifical Romano-Germânico do séc. X e Ritual Romano de 1614). Encontram-se aí orações elaboradas na forma deprecativa, muito mais eloquente do que a fórmula declarativa predominante no Ocidente desde o séc. XII-XIII. A partir daí, mostra que a confissão é “um ministério originalmente destinado a dissolver” (26), seu ministro se põe “na brecha diante de Deus” (29), “para renovar a imagem de Deus” no ser humano (32), “a serviço de uma misericórdia incomensurável” (34), para com aqueles que “carrega[m] o peso da carne e habita[m] no mundo” (36), enfim, “um ministério sublime realizado com palavras humildes” (39), para a Igreja, pela Igreja e na Igreja (41).

Anteriormente (cap. 2), CG havia apresentado e analisado brevemente os diversos nomes dados ao sacramento que, na lista tradicional, ocupa o quarto lugar: sacramento da conversão (11), da penitência (12), da confissão (14), do perdão (16), da reconciliação (18). Ao tratar do nome “confissão”, chama a atenção para o que já trabalhara em suas obras sobre a eucaristia: que “confissão” não é só “confessar os pecados”, mas em primeiro lugar “confessar o Senhor”, reconhecendo sua fidelidade e sua misericórdia inesgotável.

O cap. 5 (45-50) mostra como se viu o sacramento na escola da sistemática ocidental, com seu acento no caráter judicial. Procura corrigir uma compreensão errônea do Concílio de Trento, lembrando que, se o sacramento “é como um ato judicial” (*DH* 1685), “o confessor não é um juiz, nem o

confessionário um tribunal inquisidor” (50). O ministro deve ser antes o bom pastor que vai à procura da ovelha perdida. Recorda ainda que a eucaristia também é para o perdão dos pecados, como o Concílio de Trento sublinhou com força (cf. *DH* 1743), mas que nem por isso anula o valor do sacramento da reconciliação. A relação entre os dois sacramentos é objeto do capítulo 6 (51-54).

O último capítulo (55-59) traz dez conselhos despretensiosos para quem vai confessar e dez outros para o ministro do sacramento.

Cada capítulo (com exceção do último) e cada subdivisão de capítulo conclui com um item “em síntese”, salientado em destaque, em forma quase de tese, o que foi tratado no capítulo ou parte do capítulo.

A tradução está muito boa, com poucos senões. Ao explicar a regência do verbo “crer”, importante para distinguir a referência a Deus no Credo das referências, por exemplo, à Igreja ou à remissão dos pecados, a tradutora lançou mão de notas explicativas da regência italiana do verbo “credere”. Teria sido melhor se tivesse citado o P. Antônio Vieira: “*Crer em Cristo, é crer o que ele é; crer a Cristo é crer o que ele diz; crer em Cristo é crer nele, crer a Cristo e crê-lo a ele. Os judeus nem criam em Cristo, nem criam a Cristo. Não criam em Cristo, porque não criam a sua divindade, e não criam a Cristo, porque não criam a sua verdade*” (*Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, pregado na Catedral de Lisboa no ano de 1651. Em: *Obras completas do Padre Antônio Vieira. Sermões*. Vol. II. Porto, Lello e Irmãos, 1959, t. IV, 123). Através dessa citação teria podido explicar, sem recorrer ao italiano, a tríplice regência (esquecida por nós) do verbo *crer* (crer em Deus, crer Deus, crer a Deus). – Um cochilo foi acrescentar o objeto direto “seus pecados” no v. 3 da citação de Ne 9. Traduzindo o texto italiano que, por sua vez, é tradução do hebraico, teríamos: “por outro quarto [do dia] *confessaram e adoraram o Senhor seu Deus*” (p. 16 do original italiano). A seguir, CG critica as traduções que não se dão conta de dois usos distintos do verbo “confessar” no v. 2 tem por objeto os pecados, no v. 3 refere-se a Deus. CG elogia então a tradução grega que traz: “confessaram o Senhor e adoraram o Senhor seu Deus”. Acrescentando “os pecados” no v. 3, a explicação de CG fica incompreensível ou até contraditória. – Outro senão diz respeito à manutenção do nome italiano Guglielmo d’Alvernia para o bispo de Paris Guilherme de Auvergne (45). Se, pelo menos, tivesse escrito Guillaume d’Auvergne, daria para desculpar.

Mas são pequenos senões da tradução que felizmente não tiram o valor do livrinho de Giraudo, nem da tradução como um todo. Um livro a ser altamente recomendado.

*Francisco Taborda, SJ*